

Liderança e comunicação com jovens e adolescentes na era digital

José Bernardo.

Talvez por obstáculos sociais, talvez econômicos, a Igreja ainda precisa que se lhe explique a importância da participação de jovens e adolescentes; por que evangelizá-los e pastoreá-los. Nossa herança oriental, principalmente africana, estabelece o princípio da precedência em nossas relações sociais, de modo que os mais novos devem esperar pelos mais velhos. Ainda mais forte, nossa identidade ocidental determina a participação pela capacidade econômica, portanto, quem não é economicamente ativo não participa. Contudo, nossa pesquisa SUPER20, precedendo ou corroborando outras, mostrou que 77% das conversões na Igreja Brasileira aconteceram abaixo dos 24 anos de idade. Esse fato aponta duas razões irrecusáveis para a inclusão dos mais jovens como alvos e como agentes da evangelização.

A primeira razão, absolutamente suficiente, é bíblica. Provérbios a resume e justifica quando diz: *“Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles.”* Pv 22:6. Conhecido e nem sempre bem interpretado, esse versículo não se limita ao ministério infantil, uma vez que o hebraico usado para ‘criança’ significa algo como ‘dependente’, incluindo adolescentes e jovens. Também, o termo originalmente usado e traduzido pela NVI como ‘o passar dos anos’, tem raiz em ‘barba’, estabelecendo o final da juventude como o limite para essa instrução efetiva. Temos, então, que a pregação do Evangelho a toda criatura é qualificada biblicamente pela idade. O Evangelho deve ser ensinado a todas as pessoas ‘antes que sejam barbadadas’, enquanto ainda são crianças, adolescentes ou jovens. Isso nos leva à segunda razão.

O design inteligente do cérebro humano estabelece a infância e principalmente a adolescência e juventude, até por volta dos 24 anos, como as idades da abertura para a inovação. A plasticidade neurológica, a busca do prazer da novidade, a predominância do cérebro emocional, são condições que explicam as primeiras faixas de idade como mais abertas e propícias para receber o Evangelho e a nova vida a que ele convida. Embora Deus tenha criado o ser humano para ser primeiro inovador e depois conservador, A Igreja esteve limitada pela psicopedagogia construtivista que vê o conhecimento de modo linear. Nisso, a taxonomia das recentes descobertas da neurologia nos serve bem melhor. É preciso adotar um novo marco teórico para submeter-se ao que Jesus disse muito antes: *“... pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas.”* Mt 19:14. Em que pese ser melhor tradução ‘para’ do que ‘pertence’, Deus quer governar quem é tão ensinável como as criancinhas e isso se refere maiormente à condição cerebral da infância, adolescência e juventude.

Se entendermos o fato de que mais de três quartos da Igreja se converteu antes dos 24 anos, se superarmos os obstáculos socioeconômicos, e se aceitarmos o ensino bíblico e o design inteligente como razões para priorizar a evangelização e o pastoreio de jovens, adolescentes e inclusive crianças, precisamos saber como superar a diferença entre gerações e efetivamente comunicar o Evangelho a eles. O conflito de gerações que impede a comunicação intergeracional do Evangelho por uma Igreja dominada pelos adultos tem causas diversas, o que deve nos levar a profundas mudanças principalmente em três áreas: espiritual, comunitária e teológica.

Como a Igreja vê os mais jovens? Frequentemente a Igreja os vê como meio-crentes, justamente porque a psicologia construtivista os define como seres incompletos, cujo conhecimento inicial, embora importante, precisa ser acrescentado para então se tornar válido. A ideia do amadurecimento condicionado à idade opera contra a aceitação de adolescentes e jovens como crentes plenos. Seria necessário entender que eles não são seres humanos incompletos, mas de diferente design, isto é, seu cérebro funciona perfeitamente e podem ter uma fé plena, embora sejam muito diferentes dos adultos. Por exemplo, enquanto a fé juvenil é mais emotiva, a fé adulta é mais lógica; uma não é superior à outra, são diferentes racionalidades, mas igualmente válidas e complementares. A igreja somente será capaz de comunicar o evangelho se puder receber adolescentes e jovens como crentes inteiros, capazes de uma fé suficiente, ainda que diferente.

Que participação a igreja admite aos mais jovens? Tradicionalmente a igreja entende que deve cuidar de adolescentes e jovens; eles devem sentar e ouvir. O mundo já aprendeu a oferecer mais participação a essas idades, por isso frequentemente tem maior sucesso em congregá-los. A Reforma foi que a igreja são os crentes, e nisso reside a força do evangelicalismo; infelizmente esse valor é negado a quem ainda não é adulto. Certamente a contribuição deles é diferente, são inovadores e isso traz conflitos com os adultos conservadores, quando deveria ensinar a complementariedade. Há coisas que os adolescentes inovarão para o bem comum, e outras que os adultos conservarão. Para comunicar-lhes o Evangelho é necessário que a igreja se abra para a plena participação dos mais jovens como membros operantes do corpo de Cristo. Se for assim, o conflito de gerações será superado e o Evangelho, amplamente comunicado.

Como a igreja se proclama aos mais jovens? Desde o século 16, como reação ao obscurantismo medieval, influenciada pelo classicismo renascentista, a igreja evangélica adotou e desenvolveu uma teologia quase exclusivamente proposicional. Acontece que o conjunto de dogmas e doutrinas que extraímos das Escrituras, e tanto valorizamos, não tenho mesmo apreço para os mais jovens, principalmente conforme a pós-modernidade se aprofunda. Adolescentes e jovens são naturalmente mais emotivos, mais experienciais, e isso é reforçado pela natureza sensorial da cultura pós-moderna. Ocorre que a teologia neotestamentária é principalmente vivencial, herança do estágio pós-modernidade anterior ao nosso, propulsionado pela Pax Romana. Recentemente alguns líderes cristãos percebem que é necessário fortalecer a Teologia Bíblica para comunicar o evangelho no contexto da pós-modernidade. Essa percepção é recente e rara, ainda prejudicada pelas ressignificações hegemônicas da Teologia Sistemática, mas imprescindível para cumprir a missão bíblica na nova realidade circundante.

A aceleração da transformação digital e o aumento da informação circulante em nossa realidade cultural não é, por si só, o obstáculo para a comunicação do Evangelho aos adolescentes e aos jovens, sua evangelização e pastoreio. As novas tecnologias de comunicação não representariam um problema para a igreja se tão somente encontrássemos disposição para as transformações necessárias nas 3 áreas mencionadas. É necessário construir uma visão honesta dos mais jovens como crentes plenos, de uma fé absolutamente válida, que não precisa esperar por outras idades para o perfeito relacionamento com Cristo e a Igreja. É necessário abrir espaço para o aproveitamento dos dons que somente os adolescentes e jovens têm, valorizando-os na mesma proporção que aos talentos peculiares aos adultos; estabelecer uma liderança servidora, de adultos que apoiam e incentivam o Ministério dos adolescentes e dos jovens. É necessário superar o anacronismo da teologia proposicional, e retomar a Bíblia como a Palavra de Deus para a prática diária.

Ainda usar o Facebook quando eles usam o TikTok, escrever ‘textões’ no WhatsApp quando eles se comunicam com memes, usar a Internet como ferramenta opcional quando é o meio-ambiente vital deles, são apenas reflexos de questões mais profundas da nossa espiritualidade, comunidade e teologia. Não vejo solução ou futuro para a evangelização e pastoreio das novas gerações sem mudanças essenciais, sem disposição para deixar de lado tradições e preconceitos que emparedam a igreja e a alienam do mundo que deve alcançar para cumprir sua missão bíblica de comunicar o Evangelho a toda criatura enquanto são crianças, adolescentes e jovens.

.....

José Bernardo, pastor, escritor e conferencista, fundou e preside a Agência Missionária de Mobilização Evangelística – AMME evangelizar e vice-presidente do ministério internacional de distribuição das Escrituras – OneHope.